



MONTAIGNE: UM PENSADOR DA MORTE EM CONFORMIDADE COM O CRISTIANISMO?

Antoniél Alves da Silva¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a questão da morte no pensamento do filósofo francês Michel de Montaigne. Partimos da seguinte problemática: Montaigne, ao refletir sobre a morte equipara sua reflexão com a doutrina cristã? Utilizamos como referência a obra *Ensaio*, além de comentadores especializados em Montaigne e conseqüentemente para relacionar seu pensamento com o cristianismo, recorremos a fontes da doutrina cristã católica como o catecismo e teólogos que pensaram a morte como Leonardo Boff. Veremos que a finitude humana ganha destaque na filosofia de Montaigne. O autor dos *Ensaio* deixará claro que a morte é condição implícita na vida humana e que não devemos ter medo desse momento. De fato, é assim que Montaigne tenta definir a morte, como um momento. Porém, jamais poderemos nos esquivar deste encontro, pois só há duas certezas acerca da morte: a de que ela é inevitável e a de que ela é imprevisível. O momento derradeiro de nossa existência é assunto de tantas religiões e crenças. O pensamento montaigniano, no que diz respeito à morte, também está de certa forma ligada à concepção de morte do Cristianismo, a qual revela que morrer não é uma maldição, mas sim uma passagem do transitório para o eterno.

Palavras-chave: Homem. Morte. Cristianismo.

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre a morte na filosofia de Montaigne queremos entender como podemos viver bem sem temer o nosso fim, refletir sobre a nossa finitude, em especial nos dias atuais, é trazer à tona o medo que o próprio homem carrega dentro de si. Pelo que nos parece nascemos para viver, como se a morte não fizesse parte da trajetória da vida, ou porque não dizer, a culminância da vida.

Partindo dessas considerações, o trabalho consiste em comparar a concepção de morte na filosofia de Montaigne com a concepção de morte do

¹ Licenciado em Filosofia (FAFIC/UERN). Bacharel em teologia (FDM) Especialista em teologia bíblica (FDM) Mestrando em teologia (UNICAP) antoniél_alves1@hotmail.com.



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

cristianismo. Buscaremos compreender o comportamento humano acerca da morte, de forma que, transportando essa reflexão sobre o homem feita por Montaigne no século XVI, para os dias atuais e, comparando sua equivalência com os ensinamentos cristãos, possamos entender ou pelo menos nos ajudar a refletir sobre o indivíduo, deixando-nos claro alguns aspectos da condição humana e da morte. Para isso, faz-se necessário entender a concepção montaigniana de morte, analisar o medo incutido no homem acerca da morte e conseqüentemente compreender a morte como um momento e não como uma expectativa que nos priva de viver.

Por fim, nos deteremos em comparar o pensamento montaigniano com o cristianismo, tentando perceber o que em ambos há de equivalente. Essa comparação nos ajudará em uma reflexão não simplesmente de tempos remoto, mas, sobretudo nos dias atuais. Pensar a morte na atualidade seria trazer ao homem da pós-modernidade uma possibilidade de pensar a sua finitude e conseqüentemente as ações do seu dia a dia em busca de uma vida justa e feliz.

1 O MEDO DO INEVITÁVEL: A MORTE

Para falar do medo da morte, que tanto preocupa o homem, vejamos no pensamento de Montaigne o que ele pensa a respeito de tal acontecimento. Na visão do filósofo “as pessoas se apavoram simplesmente com lhe ouvir o nome: a morte! E persignam-se como se ouvissem falar do diabo.” (MONTAIGNE, 1980, p. 45). Como então falar sobre a morte se esse tema é tido como um tabu?

No decorrer do capítulo *De filosofar é aprender a morrer*, inferimos que autor expõe algumas características que fazem com que a morte seja temível ao ser humano. Podemos enumerar duas, a morte como um acontecimento inevitável e a morte como algo imprevisível. Ambas características são, segundo Montaigne, esperas angustiantes para o homem. Essa reflexão amedronta o indivíduo que a aguarda, pois refletir sobre o fim último de nossa existência não seria uma discussão nada agradável aos ouvidos de quem quer ter uma vida feliz.



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

Considerando a primeira característica Montaigne recorre aos filósofos da antiguidade Cícero e Horácio para fundamentar sua ideia, e assim se expressa:

E ela própria é inevitável: “Marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca falta nos levará a todos ao eterno exílio.” Portanto, se receamos, temos nela um motivo permanente de tormentos e andaremos como em país inimigo a deitar os olhos para todos os lados: “ela é sempre uma ameaça, como o rochedo de Tântalo²”. (MONTAIGNE, 1980, p. 45).

Somos seres para morte. Isso é algo que jamais mudaremos. Estamos no mundo, vivemos, somos geridos para esse encontro que mais dia menos dia nos depararemos. “A meta de nossa existência é a morte; é esse o nosso objetivo fatal”. (MONTAIGNE, 1980, p.45).

Outro aspecto a ser destacado, no vigésimo capítulo do primeiro livro dos *Ensaio*s, é a ideia da morte como momento inesperado, ou seja, o homem não pode prever o momento de sua partida definitiva. A cada momento podemos nos encontrar com ela sem que estejamos esperando-a. “Não sabemos onde a morte nos aguarda, esperemo-la em toda parte”. (MONTAIGNE, 1980, p. 47).

Montaigne retrata muito bem em suas reflexões as formas surpreendentes que a morte pode nos envolver. Ao falar dos diversos males que assolam a vida, ele deixa de lado as doenças, a febre e as pleurisias e trata de momentos que poderiam ser tidos como fúteis, sem relevância no cotidiano e que por eventualidade ceifaram a vida de tantos homens.

Em nosso ato de viver somos cercados por situações que nos oferecem riscos, que podem marcar, definitivamente, o nosso fim. Estamos à mercê dos acontecimentos e não podemos viver longe dos fatos constitutivos do nosso dia a dia. A morte apresentar-se-á inevitavelmente a todos nós em momentos e situações desconhecidas. É neste sentido que indaga o autor dos *Ensaio*s quando se coloca a



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

251

refletir sobre esse medo do encontro com a morte. Para ele, como poderíamos dar continuidade à vida se nos apavora o simples ecoar da palavra morte. (MONTAIGNE, 1980, p. 45).

Esperamos por algo que, sem sombras de dúvidas, virá. Segundo Montaigne, o que preocuparia o homem não seria exatamente a morte, mas seria, sobretudo, o emprego do verbo o qual abre esse parágrafo. A espera pela chegada do nosso fim é causa de tantos tormentos, de tanto medo, de tantas frustrações. Estamos à deriva e a qualquer momento podemos nos surpreender com a chegada da tão esperada partida.

Só sentimos a morte pelo pensamento, tanto mais quanto é coisa de um instante: “ou a morte foi, ou será; nada é presente nela.” Ela é menos cruel do que sua espera. Milhares de homens, milhares de animais morrem sem se sentirem ameaçados. (MONTAIGNE, 1980, p. 8).

Inevitabilidade e imprevisibilidade são, deste modo, características daquela que ceifa nossa existência. Nascemos com uma única certeza, a de que morreremos. Vivemos na espera incessante de quando esse momento nos assaltará. A morte como algo inevitável e inesperado é para Montaigne a causa do medo inculcado na vida do homem.

A reflexão da morte deveria ser uma meta a ser alcançada no decorrer da vida. O homem precisa pensar a sua vida, contudo, ser consciente de sua finitude. Porém, como superar o medo da morte se sabemos que teremos esse encontro, e mais ainda, não sabemos quando nem como isso acontecerá?

Montaigne apresenta uma forma de nos prepararmos para esse encontro e, conseqüentemente, vencermos o medo que tanto nos apavora.

Tiremos dela o que tem de estranho; pratiquemo-la, habituemo-nos a ela não pensemos em outra coisa; tenhamo-la a todo instante presente em nosso pensamento e sob todas as suas formas. Ao tropeço de um cavalo, à queda de uma telha, à menor picada de



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

alfinete, digamos: se fosse a morte! E esforcemo-nos em reagir contra a apreensão que uma tal reflexão pode provocar. Em meio às festas e aos divertimentos, lembremo-nos sem cessar de que somos mortais. (MONTAIGNE, 1980, p. 46).

Eis para Montaigne a forma de nos livrarmos do medo da morte: somos chamados incessantemente a meditar sobre ela, refletir a nossa condição finita. Trazer a reflexão de tal assunto para o dia a dia, ajudar-nos-á a enfrentá-la quando chegar a hora definitiva. Sobre o trecho citado acima, Siqueira (2011, p. 34) Ressalta:

Este é o trecho que melhor caracteriza a ideia de preparação para a morte enquanto um procedimento racional, uma atitude de constante alerta que se dedica incansavelmente ao exercício de imaginar todas as diferentes formas possíveis de morte, julgando isso suficiente para enfrentar aquela que eventualmente ocorrerá.

Conforme já mencionamos, somos, à luz do pensamento de Montaigne, chamados a meditar sobre a nossa finitude, mas esse pensar não deve ser um entrave para o viver bem. Estamos para viver, seja pouco ou muitos anos, a duração não importa, não deve ser para nós motivo de preocupação o dia da nossa partida. Devemos viver bem o tempo presente sem lamentar premeditando a partida futura: “Qualquer que seja a duração da nossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu”. (MONTAIGNE, 1980, p. 45).

Notamos, assim, que a visão do filósofo renascentista sobre a morte não é de desespero, nem algo que devemos temer de tal forma a deixar de viver. Pelo contrário, devemos viver bem a cada momento não nos preocupando com o dia final, refletindo sobre ele sim, mas sem jamais nos deixarmos atemorizar.



2 MONTAIGNE, O CRISTIANISMO E A MORTE

Ao analisar a morte na concepção montaigniana, evidenciamos um pensamento muito próximo da concepção de morte adotada pelo cristianismo. Seria Montaigne um pensador genuinamente cristão? Estaria ele, unicamente, reproduzindo os ensinamentos do cristianismo?

Contrastando o pensamento de Montaigne e o pensamento cristão, tendo em vista analisar até que ponto o autor dos *Ensaio*s pensava em conformidade com a doutrina cristã, no que diz respeito à morte. Montaigne era de família tradicional católica e sofreu, obviamente, influência dos ideais cristãos, que se torna perceptível quando ele afirma:

Nossa religião não teve alicerce humano mais sólido que o do desprezo à vida. E não é somente a voz da razão que a isso nos conduz, pois porque temeríamos perder uma coisa que, uma vez perdida, já não podemos lamentar? (1980, p. 49).

É de se inferir que em sua filosofia, Montaigne, além de recorrer aos filósofos antigos, é ainda inspirado pelo pensamento cristão, sendo assim influenciado por ambas as partes.

Quando Montaigne diz que todos estão fadados à morte e que esse é o nosso destino inevitável, podemos perceber nisto uma linha de pensamento que provém das sagradas escrituras, mais especificamente no livro do Eclesiastes (cf.3,20) quando afirma que: “Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó.”

Ainda no capítulo “De como filosofar é aprender a morrer”, podemos ver a proximidade do pensamento de Montaigne com a tradição cristã no que diz respeito à morte. Os pontos de vista convergem, dando assim a perceber grande proximidade do pensamento montaigniano com os ideais religiosos cristãos.



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

Que tolce nos afligirmos no momento em que nos vamos ver livres de nossos males! Nossa vinda ao mundo foi para nós a vinda de todas as coisas; nossa morte será a morte de tudo. Lastimar não mais viver dentro de cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nascido um século antes. A morte é origem de outra vida. Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual. (MONTAIGNE, 1980, p. 49).

Nos ensinamentos doutrinários do cristianismo ainda nos dias atuais, prega-se que o homem nasce destinado à morte, mas a morte não entendida como fim último da existência, mas sim, como passagem para uma nova realidade. Passa-se do contingente, efêmero, transitório, para o eterno.

Com relação a discursão sobre a questão da morte, podemos encontrar uma posição semelhante no pensamento de um dos expoentes da teologia da libertação da América Latina, no século XX, Leonardo Boff:

A morte é sim o fim da vida. Mas fim entendido como meta alcançada, plenitude almejada e lugar do verdadeiro nascimento. A união interrompida pelo desenlace não faz mais que preludiar uma comunhão mais íntima e mais total. A morte como fim-fim é verdadeira. Ela marca a ruptura de um processo. Cria uma cisão entre o tempo e a eternidade. (BOFF, 2002, p. 35).

Somos assim, levados a perceber que há uma aproximação do pensamento de Boff com o de Montaigne. O fato é que ambos, embora respeitadas as distâncias, definem a morte como o fim da vida, fim esse que está relacionado à transitoriedade da vida.

A morte marca para os dois a ruptura do passageiro para o eterno. Em sua filosofia, Montaigne deixa transparecer a sua crença na vida eterna, vida essa tão difundida pelo cristianismo. Estamos no mundo, vivemos no mundo, mas não somos para o mundo. Essa é como que uma máxima do cristianismo, ou seja, somos predestinados à morte, momento esse que marca a passagem para uma nova realidade.



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

255

A concepção de morte como momento constitutivo no ser humano nos leva a evidenciar a grande proximidade do pensamento montaigniano com o cristianismo. Se para Montaigne a morte é algo inerente ao ser vivente, podemos concluir que sua concepção comunga, ou pelo menos se aproxima de forma explícita da doutrina cristã, entende-se por cristã a doutrina cristã católica, que segundo seu catecismo caracteriza a morte como termo da vida terrena.

Nossas vidas são medidas pelo tempo, ao longo do qual passamos por mudanças, envelhecemos e, como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte aparece como fim normal da vida. Esse aspecto da morte marca nossas vidas com um caráter de urgência: a lembrança de nossa mortalidade serve também para recordarmos que temos um tempo limitado para realizar nossa vida, (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 2009, §1007, p.284)

Aqui entendemos a preocupação cristã em buscar viver de tal modo a vida que à aproveitamos o máximo possível. Essa prerrogativa cristã nos remete ao que Montaigne tanto presou em sua filosofia. O autor dos *Ensaio*s viver bem, viver feliz para que no seu momento final fosse encontrado plenamente realizado, por isso, compreendamos que a felicidade para Montaigne consiste em viver bem (MONTAIGNE, 1980, p.373). Sendo assim, somos também condicionados a pensar a nossa finitude, mas não como uma reflexão angustiante, antes disso, seja um refletir a vida em uma perspectiva realista, na qual tenhamos consciência de nossas limitações e aprendamos a viver sem temê-las.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema acerca da morte é perene na filosofia de Montaigne. Em suas reflexões ele busca entender a vida, ou melhor, tenta encontrar um forma de viver bem e feliz. Porém, esquivar-se da morte seria a condenação mediante o medo que nos afastaria da felicidade. No cristianismo percebemos de forma clara que a morte



ST 4: ANTIGUIDADE CRISTÃ E FILOSOFIA MEDIEVAL

256

não deve ser causa de medo, mas momento de libertação de encontro com felicidade que jamais sessa. Montenianismo e cristianismo asseguram que vivemos de forma passageira, a vida é única, não teremos outra oportunidade, por isso, devemos viver bem cada instante para que seja útil nossa existência nesta realidade.

Por fim, inferimos a incondicionalidade da limitação da vida humana. A razão, a inteligência, os bens, as glórias, enfim tudo aquilo que colocamos como primordial e essencial torna-se inútil quando nos deparamos com a morte. Porém, mais do que nos prendermos a um medo do momento ultimo de nossa existência, devemos viver bem a cada momento, aproveitando a nossa existência, seja ela curta ou duradoura. Estamos no mundo para viver e, se o fim da vida chegar, que tenhamos vivido intensamente o tempo que nos foi concedido.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Trad. Domingos Zamanga [et al.]; 8ª. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, Leonardo. **Vida para além da morte**. 21ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola. 2009.

DUARTE, Tiago Barros. **Leituras sobre o problema da morte nos Ensaios de Michel de Montaigne**. Belo Horizonte, 2012. Dissertação de Mestrado originalmente apresentada na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD92EK9Y/disserta__o___completo_final.pdf?sequence=1.pdf>. Acesso em 12 mar. 2013.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. **Ensaios**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).